

(RE)INVENTANDO O ENSINO DE FILOSOFIA NAS DOBRAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE ESCOLAS DO SUL DE MINAS GERAIS

Daniel Santini Rodrigues¹
Carlos Roberto da Silveira²

Resumo: Esta pesquisa problematiza o ensino de Filosofia no Brasil, de maneira especial em escolas do Sul de Minas Gerais, e como os professores se singularizaram dentro do sistema, ao buscarem as dobras das políticas públicas. Com base nos escritos de Deleuze e Guatarri, deseja-se conceber o ensino de Filosofia como atividade de criação conceitual e exercício de transformação de si.

Para início de conversa: querem silenciar as vozes plurais da Filosofia?!

O ensino de Filosofia no Brasil sempre passou por incertezas quanto a sua permanência no currículo escolar, sendo sempre objeto de discussão nas reformas curriculares, ora com a sua inserção, embora com carga horária insignificante, ora com a sua exclusão... mas diante disso, várias questões podem ser levantadas, entre as quais: por que querem calar as vozes plurais da Filosofia? Que efeitos o ensino de Filosofia provoca naqueles que se colocam no caminho do filosofar? Em vista de problematizar estas questões e diante da recente Reforma do Ensino Médio e da publicação da nova Base Nacional Curricular Comum (BNCC), esta pesquisa problematiza o ensino de Filosofia no Brasil, de maneira especial em escolas do Sul de Minas Gerais, e como os professores se singularizaram dentro deste sistema, ao buscarem as dobras das políticas públicas. Com base nos escritos de Foucault, Deleuze e Guatarri, deseja-se conceber o ensino de Filosofia como atividade de criação conceitual e exercício de transformação de si.

A nova BNCC tem despertado resistência em muitos educadores que estão se colocando em defesa de uma educação mais humanística, que valorize as ciências humanas e todas as contribuições que advêm da sua presença no currículo como disciplinas, pois cada ciência tem suas especificidades.

Diante deste contexto que visa instituir um currículo homogêneo e descaracterizar a diferença, esta pesquisa quer problematizar a contribuição do ensino de Filosofia no currículo escolar. A nova BNCC deseja calar a pluralidade de vozes que ecoam da História da Filosofia e que fazem emergir a diferença e a singularidade dentro do ambiente escolar. De maneira especial, esta pesquisa quer ouvir as vozes de filósofos como Foucault, Deleuze e Guattari para contribuir com a problematização do ensino de Filosofia nas escolas nas escolas brasileiras da atualidade.

Foucault, Deleuze e Guattari: vozes que querem provocar processos de subjetividades, dobras e singularidades...

O objetivo de Foucault foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornaram-se sujeitos. Esses modos de subjetivação são as práticas de constituição do sujeito. Essas práticas referem-se às formas de atividade sobre si mesmo. Ele utiliza os

¹ Doutor em Educação, pela Universidade São Francisco. Professor do Curso de Bacharelado em Filosofia, da Faculdade Católica de Pouso Alegre/MG.

² Doutor em Filosofia, pela PUC-SP. Professor do Programa *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade São Francisco/SP.

conceitos de “práticas de si”, “técnicas de si” e “cuidado de si”, extraídos da Antiguidade ocidental greco-romana, para analisar a forma pela qual o sujeito se constitui.

No itinerário filosófico de Foucault um acontecimento possibilitou um deslocamento em seu pensamento: o encontro com a Filosofia Antiga, principalmente os diálogos de Platão, que apresentou-lhe um novo sentido para a Filosofia que é compreendida como “modo de vida”.

Assim, a experiência do filósofo não é apenas racional ou teórica. Ela é prática e vital. A busca pela verdade consiste na vivência da filosofia como forma de vida. A este respeito, Pierre Hadot (1999, p. 55 - 56) traz contribuições importantes:

No fim das contas, após ter dialogado com Sócrates, seu interlocutor toma distância em relação a si mesmo, desdobra-se, uma parte de si mesmo identificando-se, de agora em diante, com Sócrates no acordo mútuo que este exige de seu interlocutor em cada etapa da discussão. Opera-se nele uma tomada de consciência de si; ele se põe a si mesmo em questão.

Então, a filosofia seria uma experiência modificadora de si, uma experiência do pensar a própria história para saber como podemos ser de outra forma, como pensar de outro modo. Uma experiência modificadora de si, como processo criativo de fazer da vida uma obra de arte.

Juntamente com os conceitos foucaultianos, os conceitos de Deleuze e Guattari servem de ferramenta de análise das práticas e saberes dos professores de Filosofia, que compõem o *corpus* deste trabalho.

Segundo Solange Puntel Mostafa e Denise Viuniski Nova Cruz (2009, p. 7), “Deleuze e Guattari são célebres por sua preocupação com uma filosofia da vida, interessados nas disciplinas ditas não-filosóficas, especialmente focados na intercessão das diferentes maneiras de pensar, como construção criadora”.

O pensamento de Deleuze e Guattari deseja conceber a filosofia como criação conceitual, livrando o conceito de seu caráter dado e fazer dele algo sempre por vir, além de desmistificar a filosofia e purificá-la de sua arrogância em relação às outras disciplinas, pois, afinal, “a exclusividade da criação de conceitos assegura à filosofia uma função, mas não lhe dá nenhuma proeminência, nenhum privilégio, pois há outras maneiras de pensar e de criar, outros modos de ideação que não têm de passar por conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 15). Deleuze e Guattari provocam fazer da Filosofia uma atividade que traga a possibilidade de pensar em potência: criando, inventando, construindo sempre novos conceitos, sendo o conceito o resultado de um ato criador, a atualização de uma potência.

Desta forma, percebe-se que filósofos como Foucault, Deleuze e Guattari criaram conceitos que possibilitam analisar e problematizar não só a constituição de subjetividades e singularidades, como também relações de poder e suas formas de constituição históricas e contemporâneas.

Em vista disso, na próxima seção deseja-se apresentar a metodologia desta pesquisa e deixar ecoar as vozes dos sujeitos-professores que foram constituídos e afetados pelo ensino de Filosofia em escolas do sul de Minas Gerais.

As “vozes” dos professores de Filosofia

A coleta de dados desta pesquisa foi efetuada através de 8 (oito) entrevistas com professores de Filosofia do Ensino Médio, sendo metade com graduados em Filosofia e metade com não graduados em Filosofia, em escolas da região do Sul de Minas Gerais³.

³ O referido projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa, da Universidade São Francisco, com o número CAAE 46103215.6.0000.5514 e segue os preceitos estabelecidos, diretrizes e normas por envolver seres

Através das vozes dos sujeitos-professores envolvidos na pesquisa, percebe-se o quanto a filosofia provoca mudanças e singularidades...

O Sujeito Participante 1, graduado em Filosofia e professor há 3 anos, apresenta sua concepção de Filosofia como modo de vida e o quanto ela incide na sua prática docente: *“eu procuro ser filósofo no dia a dia... porque eu tento aplicar a Filosofia antes de tudo na minha vida porque para mim a Filosofia é um modo de ser e de agir.....”*

Já o professor 2, que cursa graduação em Matemática e que há 1 ano tem dado aula de Filosofia, relata que assumiu a disciplina por falta de professor e por necessidade de assumir mais aulas e partilha sua experiência modificadora a partir dos debates e leituras: *“Filosofia eu acho que não causa mudanças só no professor... causa também nos alunos... nos debates, nas conversas filosóficas...”*.

O sujeito participante 3, graduado em Engenharia e Filosofia, e com 2 anos de docência de Filosofia no Ensino Médio, descreve o quanto a Filosofia tem modificado seu modo de ver a educação: *“eu comecei a perceber que posso aprender muito mais com o aluno do que às vezes ensinar. A Filosofia tem uma possibilidade de ir além daquilo que a gente está conversando...”*.

O sujeito participante 4, graduado em Filosofia e com experiência docente de 3 anos, narra o quanto a Filosofia precisa estar intrinsecamente ligada aos problemas concretos da vida: *“eu tenho percebido que a Filosofia ela muda realmente o nosso modo de pensar à medida que nós não entendemos a Filosofia apenas como um saber teórico abstrato distante da vida mas sim como um saber que nos ajuda a ter uma postura tanto teórica quanto prática”*.

O sujeito participante 5 é o professor mais experiente entre os pesquisados, tendo 57 anos de vida e 26 anos de docência, graduado em Filosofia e lecionando desde o início a disciplina de Filosofia, tanto na escola pública quanto na escola particular. Ele expressa o quanto a Filosofia provocou a singularidade de sua vida: *“a Filosofia me fez ser o que sou sem que eu tivesse feito essa escolha. (...) A Filosofia foi uma tremenda de uma invasora que fez o que eu sou hoje”*. Este professor foi atravessado e afetado pelo ensino de Filosofia e compreendeu a dinamicidade do seu estudo e da sua prática: *“o belo da Filosofia é não ter na verdade uma natureza estática... ela é uma coisa dinâmica...”*.

O sujeito participante 6 é um professor não formado em Filosofia, mas que há 5 anos está na docência desta disciplina no Ensino Médio, em escola pública e que tem aproveitado esta oportunidade de deixar ser afetado pela Filosofia e com mudanças em sua vida: *“sinto que eu vivo filosoficamente sem ser um filósofo (...). O meu aprendizado aqui mais do que dobrou... tendo mais o ímpeto filosófico do que eu achava que eu tinha”*.

De igual forma, o professor 7 também não é formado em Filosofia, pois sua graduação é em Pedagogia, mas há 1 ano tem lecionado Filosofia em uma escola pública: *“Trabalhei a Sociologia de dois mil e nove até dois mil e treze... aí devido às outras situações de regularidade dos funcionários dentro da instituição, eu acabei tendo que exercer as aulas de Filosofia aonde com a minha força de vontade eu comecei”*. A sua prática pedagógica tem valorizado a relação da Filosofia com a vida: *“tento sempre passar a importância da Filosofia na vida... no cotidiano da vida deles pra que eles sejam pessoas críticas”*.

Por fim, o sujeito participante 8, graduado em Letras, com 37 anos, sendo 18 anos como professora e há menos de 1 ano como professora de Filosofia, tem se esforçado para se colocar no caminho do filosofar: *“eu estou estudando e tenho me apaixonado tanto... a Filosofia está mexendo com a minha vida. Realmente eu estou sentindo uma prazer imenso em preparar essas aulas”*. Esta professora tem passado por um processo de mudança que tem possibilitado ver a Filosofia de um

humanos em pesquisas, de acordo com a Resolução 466/12 de 12/12/2012 do Conselho Nacional da Saúde, que atualiza as Resoluções 196/96, 303/2000 e 404/2008.

outro modo: *“eu acho que a mudança que eu estou passando eu gostaria que meus alunos percebessem que a concepção de Filosofia é esse amor ao saber... ao Conhecimento... essa abertura para a vida... o olhar diferente amplo que a Filosofia traz pra gente”*.

As “escritas de si” dos professores de Filosofia, independentemente de sua formação superior, manifestaram que a prática docente da referida disciplina é um exercício transformador de si e dos outros em busca das “dobras” do sistema e que deseja despertar processos de constituição de singularidades.

Não podemos deixar que calem as vozes...

Ao longo da história da educação brasileira, o ensino de Filosofia foi marcado por movimentos de inclusão ou exclusão, e períodos de uma presença facultativa, principalmente através de temas transversais. Como nômade, a Filosofia quer reafirmar sua efetiva presença na escola, através de sua valorização no currículo. Podem até excluí-la do currículo do Ensino Médio, por interesse das políticas públicas, mas a atitude filosófica sempre estará presente através daqueles que se colocaram a caminho do filosofar.

Esta nova reforma e as anteriores, empreendidas pelo Governo Federal, nos últimos anos, não são movidas apenas por um desejo e uma necessidade de uma educação de qualidade, mas a escola inserida no regime de verdade do neoliberalismo insiste em instaurar uma ordem mundial, sob seu controle. Deleuze explicita a tecnificação da escola nas sociedades de controle, com uma relação cada vez maior com as empresas:

O que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento. Os hospitais abertos, o atendimento em domicílio etc., já surgiram há muito tempo. Pode-se prever que a educação será cada vez menos um meio fechado, distinto do meio profissional – um outro meio fechado –, mas que os dois desaparecerão em favor de uma terrível formação permanente, de um controle contínuo se exercendo sobre o operário-aluno ou o executivo-universitário. Tentam nos fazer acreditar numa reforma da escola, quando se trata de uma liquidação (DELEUZE, 2013, p. 220).

As dobras do sistema acontecem quando os problemas são apresentados e conceitos são criados, reinventando a significância da Filosofia na grade curricular. Deleuze e Guattari (2010, p. 101) afirmam: *“Mesmo a história da filosofia é inteiramente desinteressante se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo”* (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 101).

Este processo de constituição de singularidades possibilita enfrentar os desafios que envolvem o ensino de Filosofia na escola, como uma luz que ilumina novas práticas de transformação, pois a mudança acontece dentro do sistema... as dobras precisam ser buscadas...

Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfícies ou volume reduzidos. É o que você chama de *pietàs*. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle (DELEUZE, 2013, p. 222).

Portanto, o sonho parece distante, mas é possível, pois a vontade de potência nos move, movido pela Filosofia.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Tradução de Júlio Castanón Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *O que é Filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?* Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.

MOSTAFA, Solange Puntel; NOVA CRUZ, Denise Viuniski. *Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guatarri*. Campinas: Alínea, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. A gaia ciência. In: *Nietzsche - Vida e obra*. Obras Incompletas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.